

Homenagem ao Grande Poeta Eborense

Júlio Augusto Casinha

Júlio Casinha, nasceu por volta de 1892, em Évora. Foi uma figura curiosa da sua época, um inconfundível boémio que a par da cultura, da qual fazia sacerdócio, não descuidava de exhibir uma confiança de preconceitos que o tornavam uma figura popular em qualquer lugar onde se encontrasse. A sua vida foi uma série de êxitos invulgares que ele soube gozar. Júlio Casinha foi jornalista, poeta que nas suas crónicas ou poesias deixou vincados traços da sua personalidade de crítico humorístico de alma romântica. Foi explicador de cursos secundários e nesta missão permaneceu em algumas terras do nosso distrito, onde rapidamente conquistou amizades. Faleceu na manhã de 3-4-957, no Hospital da Misericórdia de Évora. Com a sua morte perdeu-se uma das mais curiosas figuras de boémio-culto que Évora viu nos últimos anos.

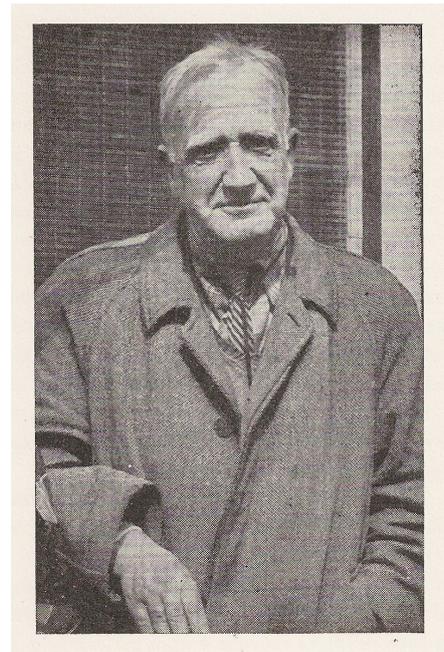
Fonte: Gil, Monte do (1986) - Versos de um poeta boémio (Júlio Casinha). Évora

No Arquivo Distrital de Évora encontram-se os registos de nascimento e de óbito.

AVERBAMENTOS	
Registo N.º 184	Extracto do registo de óbito lavrado sob o n.º 184 do ano de 1957
Júlio Augusto Casinha	No dia 03 de Abril de 1957, faleceu na freguesia de Sta. Maria da Cidade
Casinha	um indivíduo do sexo masculino de nome Júlio Augusto Casinha
	de profissão explicador, de 65 anos de idade, filho natural de José Casinha e de Maria Casinha
	natural de Évora, freguesia de Sta. Maria da Cidade, e de natural de Évora, freguesia de Sta. Maria da Cidade
	O falecido era casado com Maria Casinha e foi sepultado no cemitério de Sta. Maria da Cidade
	A importância dos emolumentos é de 200 escudos e a dos selos devidos pela parte de um escudo
	Conservatória do Registo Civil de Évora em Évora de Maio de 1957
	O Conservador do Registo Civil, [assinatura]

Livro de óbitos nº51 de 1957.
Registo nº 184

Comemoração do 60º Aniversário da sua morte



«SONHANDO»

Sim, sonhei que eras minha, que ao meu lado
Já te tinha p'ra sempre com ventura;
Que beijava teu rosto idolatrado,
E que cingia teu busto com ternura;

Que este sonho tão bello desejado
Se tornara real e de doçura,
Que um futuro, d'amor engrinaldado
Nos singia em risonha formosura!...

Mas vi tristemente, ao despertar,
Que este sonho tão lindo d'encantar,
Só era d'illusão, e falsidade;

Pois ventura de mais p'ra mim
Chamar-te muito minha ó qu'rida Armia,
E beijar-te co'ardor. Oh! felicidade!...

Évora, 25 - 12 - 911.

(Do «Notícias de Évora», n.º 3392, de 14 - 1 - 912).